

## As dinâmicas de um trabalho de campo etnomusicológico na prática dos Bombos em Lavacolhos

Karla Regina Bach de Andrade Pedrassoli

INET-MD – Instituto de Etnomusicologia, centro de estudos em música e dança

Universidade de Aveiro / Portugal

[marimbabach@hotmail.com](mailto:marimbabach@hotmail.com)

**Resumo:** Para a etnomusicóloga Helen Myers “o trabalho de campo é a tarefa mais pessoal e necessária exigida a um etnomusicólogo” (1992: 21). Consiste em “estar no mundo” como refere Jeff Titon (2008: 31) e promove uma experiência vivida no contato com indivíduos como um meio privilegiado para a aprendizagem sobre uma determinada prática musical (Barz e Cooley 2008). Foi este posicionamento que orientou o trabalho de campo que realizei entre 2012 e 2013, durante o estudo que venho a desenvolver sobre a prática dos bombos em Lavacolhos. Esta prática presente em três festas locais, integra tocadores – homens –, coro masculino, artesãos, comunidade de Lavacolhos – residentes fora da localidade – envolve a igreja e a autarquia. Esta complexidade conduziu à formulação de um conjunto de questões como: em que consiste a performance dos bombos em Lavacolhos, quem são os intervenientes, quais as dimensões icônicas dos seus instrumentos musicais e quais os jogos de poder que circunstanciam. Neste artigo pretendo abordar questões relacionadas com os desafios e as especificidades que constituíram o estar em campo durante a minha pesquisa em Lavacolhos, refletir aspectos como as questões de gênero, a reformulação de papéis sociais e a interferência da autarquia e da igreja na prática dos bombos.

**Palavras-chave:** Bombos; Lavacolhos; Performance; Festa; Tocadores.

**Abstract:** According to the ethnomusicologist Helen Myers, “fieldwork is the most personal and essential task required for an ethnomusicologist” (1992: 21). It consists of being in the world, as referred to by Jeff Titon, promoting a lively experience in close contact with subjects as a privileged means of learning a specific musical practice through experience. (Barz and Cooley 2008) This was the principle that guided the fieldwork I carried out in Lavacolhos between 2012 and 2013, concerning the practice/tradition of “Bombos de Lavacolhos”.

The practice occurs at three calendar festivities and integrates players - men - a male choir, the Lavacolhos community (some living outside the village), and craftsmen. It also involves the local authorities and the priest. This complexity has led to the formulation of various questions, such as: What exactly comprises drum performance in Lavacolhos? Who are the protagonists? What are the iconic dimensions of its musical instruments? What sort of power games are involved? In this paper I intend to focus on matters related to the challenges and particularities I have encountered during my fieldwork research, to reflect on some aspects concerning gender issues, social roles reformulation and local authority and church interferences in the drumming practice.

**Keywords:** Drums; Lavacolhos; Performance; Feast; Players

Lavacolhos é uma freguesia do concelho do Fundão, que se situa no prolongamento da Serra da Gardunha numa área de 19,38 km<sup>2</sup> e que, segundo o Instituto Nacional de Estatística, conta com 236 habitantes, com uma ocupação principal na agricultura e na prestação de serviços (INE 2011). Este estudo dirige-se aos tocadores e construtores, a lavacolhenses que têm na performance dos Bombos de Lavacolhos uma ocasião de participação coletiva, individual e de reformulação de papéis sociais.

A prática dos Bombos de Lavacolhos integra tocadores (homens) de bombos, caixas e pífaro, um coro masculino, indivíduos da comunidade de Lavacolhos – alguns residentes fora da localidade -, artesãos - detentores de uma tradição de construção de instrumentos - e envolve as autoridades locais - poder autárquico e padre. Está presente em três festas do calendário religioso de Lavacolhos, como a festa de Santo Amaro, a festa do Divino Espírito Santo e a festa do Senhor da Saúde. Eventualmente, integra eventos fora da localidade de Lavacolhos e, segundo Carlos Branco, professor na Academia de Música e Dança do Fundão, os Bombos de Lavacolhos constituem uma tradição musical portuguesa e uma referência em toda a região (Branco 2012).

Dei início ao trabalho de campo em Lavacolhos e no Fundão em 22 de Março de 2013, quando realizei entrevistas com tocadores, construtores dos bombos e autoridades locais. Minha primeira entrevista ocorreu no Fundão com o professor de Educação Tecnológica e tocador de bombos António Supico, que desenvolve um trabalho de recuperação das tradições do artesanato local realizado em conjunto com organizações regionais. Em seguida, entrevistei o historiador Pedro Salvado, um dos responsáveis pelo processo de institucionalização da Casa do Bombo de Lavacolhos<sup>45</sup>. Permaneci cinco dias no Fundão e desloquei-me a Lavacolhos para entrevistar José Mota, presidente da Junta de Freguesia que, nesta ocasião, me proporcionou uma visita guiada à Casa do Bombo. Posteriormente, estive na oficina do artesão Américo Simão, onde acompanhei o processo de construção de um bombo. Dois dias depois, entrevistei Américo Simão e obtive um depoimento detalhado sobre a prática e construção dos bombos em Lavacolhos. Américo vem de uma linhagem de tocadores e construtores de bombos, o seu conhecimento sobre a prática e a construção foi-lhe transmitido pelo pai e pelo avô. Além disso, Américo integra o Grupo de Bombos de Lavacolhos e participa ativamente nas festas na freguesia.

Retornei a Lavacolhos após dois meses, para acompanhar a Festa do Divino Espírito Santo e a saída dos bombos. Nesta ocasião, tive a oportunidade de entrevistar o pifareiro

---

<sup>45</sup> A Casa do Bombo foi criada pela Câmara do Fundão em 2009 na antiga escola primária da freguesia de Lavacolhos. Com finalidade museológica e de difusão da prática dos bombos no âmbito da performance e da construção, atualmente a Casa do Bombo encontra-se na maior parte do tempo fechada devido ao escasso número de visitantes (Salvado 2013).

José Nelson Mota e o artesão Natalino Alves, um construtor de bombos, caixas e peças de artesanato tais como miniaturas de bombos, joieiras e falos. Desde então tenho me deslocado a Lavacolhos para observar as festas e participar em outros eventos na localidade, com o intuito de perceber as dinâmicas e os meios que envolvem a prática dos bombos, a sua importância e relevância na comunidade local. Estou a pesquisar e a participar nos processos de construção dos bombos e caixas, segundo os recursos utilizados pelos meus interlocutores. E ao longo de contatos com os tocadores de Lavacolhos, estou a aprender as técnicas, os repertórios e os valores e modos de execução que definem a prática dos Bombos de Lavacolhos. Esta abordagem decorre da consciência de que, como refere Alan Merriam, “estudar qualquer cultura musical deve certamente exigir uma compreensão da sua definição e conceituação de música” (Merriam 1964 apud Nettl 2005: 17).

Neste estudo estou a desenvolver um trabalho de campo que promove o conhecimento sustentado no diálogo e na participação. Contudo, considerando que os Bombos de Lavacolhos são uma prática “masculina”, torna-se um desafio equacionar uma estratégia viável para a aplicação desta técnica de investigação. Tenho consciência de que não posso integrar a performance dos Bombos como tocadora nem como elemento do grupo coral. Entretanto, tenho desenvolvido esforços no sentido de integrar essa performance, seja durante as festas de Santo Amaro e do Divino Espírito Santo, nas quais os bombos são disponibilizados no final do percurso para serem tocados livremente, ou inclusive na confecção e manutenção dos instrumentos. A partir da observação e das entrevistas realizadas com os artesãos em Lavacolhos cheguei a uma descrição do processo para a construção de um bombo e que, segundo meus interlocutores, é “assim que se faz o bombo desde muitos anos” (Alves 2012):

O bombo em si em primeiro tem que ser a parte da chapa, uma chapa em zinco, ao fim de ter uma chapa em zinco arranja-se um arco em silva. Vai-se ao campo, corta-se uma silva verde, tiram-se os piquinhos todos da silva, dobram-se no tambor para secar e ao fim de secar e mesmo verde, pode-se meter no bombo. Depois do arco em silva leva um arco de madeira em castanho. Ao fim de levar o arco de madeira em castanho vamos a cozer a pele. A própria pele a gente seca, de um animal, uma cabra. Ao fim de termos a pele da cabra seca, temos que molhar de um dia para o outro, para poder cozer a pele no próprio tambor. Entalar tudo no arco em silva, cozer a pele com o pelo para dentro, e ao fim de cozermos toda a volta, viramos a pele ao contrário para o pelo ficar à vista. Mete-se o arco em madeira castanho, metem-se os ganchos e depois laça-se a corda de uma ponta à outra para o bombo ficar completo. Depois tem que secar um dia ou dois, conforme, que é pra uma pessoa poder tocar no bombo (Simão 2012).



**Figura I.** Américo Simão [artesão]

No caso da confecção das caixas, segundo os artesãos de Lavacolhos, utiliza-se a mesma técnica de construção dos bombos, exceto que, na caixa, raspa-se a pele de cabra com uma lâmina a fim de lhe retirar todo o pelo e acrescenta-se à pele de resposta uma corda de couro enrolado ou um arame de metal. Os bombos são vendidos em feiras ou através de encomendas de tocadores de localidades vizinhas. Qualquer pessoa pode encomendar um bombo e quem encomenda pode escolher as dimensões do instrumento, conforme a necessidade ou conveniência.

[...] se houver encomendas, a gente tem que fazer. Há pessoas que pedem um bombo de 40 centímetros, ou 30, 35 ou de 40, ou de 50, ou dos maiores que é de 75 centímetros. Do mais pequeno, não dá som [por]que é só para a decoração. O maior dá um som que estremece o coração. E depois, assim, a gente a tocar com o pífaro, três bombos - que é o nosso grupo, é três bombos e duas caixas a tocar, é estrondoso, tudo estremece. Tem essa boa fama, pronto (Simão 2013).

Segundo *Seu Natalino*, a função de construtor de bombos é algo muito recente. Antigamente, todos sabiam fazer e tocar bombos em Lavacolhos. “Reuniam-se sete, oito ou mais homens e faziam os bombos para serem tocados nas festas. Os melhores instrumentos eram guardados na casa do melhor tocador de bombos [guardião] e os outros eram deitados fora” (Alves 2013). Após as festas os bombos recebiam uma manutenção que era realizada pelos próprios tocadores que tinham a obrigação de zelar e manter os instrumentos juntamente com o ‘guardião’.

A festa é um evento integrante da vida social (Mesnil 1974) e, segundo o etnólogo e antropólogo Pierre Sanchis, divide-se entre “as coisas profanas” e as “coisas sagradas”

(Sanchis 1992: 208). “Festa” é o termo utilizado pelos meus colaboradores para referirem as comemorações do calendário religioso local e compreende toda a programação que engloba a parte religiosa (missa, procissão) e festiva (danças, grupo de bombos, rifas, etc.).

Em 15 de Janeiro ocorre a festa de Santo Amaro (padroeiro da Freguesia de Lavacolhos), conhecida também como festa do tordo (ave) e do vinho, festividade na qual participam exclusivamente os habitantes da Freguesia de Lavacolhos. Há também a Festa do Divino Espírito Santo, que ocorre sete semanas após a Páscoa. São dois dias de festejos que ocupam o Largo da Capela do Espírito Santo e a sede do Convívio dos moradores de Lavacolhos. A festa com maior número de participantes é a do Senhor da Saúde, que se realiza no terceiro fim de semana de Agosto, ocupa três dias do calendário local e acontece no recinto da festa - espaço construído especialmente para o evento. Envolve a comunidade local e traz a Lavacolhos turistas e lavacolhenses que vivem em outras localidades e retornam à sua terra especialmente para acompanhar os festejos. Nas festas, os moradores de Lavacolhos passam a noite de sábado no centro de convívio e, no domingo pela manhã, por volta das dez horas, ocorre uma missa. Ao término da missa, uma procissão sai da capela e percorre um pequeno itinerário em volta da mesma, com alguns de seus fiéis carregando dois andores. A festa segue o dia todo no centro de convívio ou no recinto de festas e, por volta das quatro horas da tarde, os bombos “saem”<sup>46</sup>. Antes da saída do cortejo, os tocadores apertam as cordas dos bombos para que as peles atinjam a tensão adequada ao toque, processo que conta com a colaboração de outros homens da freguesia. Todos se encaminham para o ponto mais alto da Rua da Pereirinha - próximo ao recinto das festas - e soltam fogos. Começa então a chamada inicial do pifareiro e o grupo de bombos inicia o cortejo pelas ruas de Lavacolhos. O cortejo é seguido pelas mulheres e crianças, mas somente os homens cantam a moda do bombo. Já ao final do percurso, o cortejo chega ao recinto de festas, forma-se então uma roda para terminar a performance e os instrumentos (bombos e caixas) são depositados ali para quem quiser tocar.

Os tocadores do grupo de Bombos de Lavacolhos assumem um papel de destaque na freguesia durante as festas. Todos os participantes do grupo são homens, naturais de Lavacolhos e também participam na festa como mordomos<sup>47</sup>. Os tocadores de bombos, ao mesmo tempo que percutem o instrumento, têm que realizar uma coreografia. No

---

<sup>46</sup> Os meus colaboradores dizem que os bombos “saem” porque, de fato, os dois conjuntos de instrumentos musicais permanecem guardados por zeladores na Junta de Freguesia e no Centro de Convívio de Lavacolhos, sendo retirados pelos tocadores para serem utilizados nas festas.

<sup>47</sup> Mordomo é o encarregado dos preparativos das festas. São designados vários mordomos pela comissão de festas que divide os trabalhos entre os escolhidos. Cozinhar, arrumar, receber o público da festa, limpar o recinto de festas, são algumas das atribuições do mordomo. Esse trabalho é voluntário e é uma honra ser convidado a fazê-lo (entr. Simão 2013).

tempo fraco do compasso quaternário da moda do bombo, o tocador apoia o pé direito no chão e levanta o bombo com joelho esquerdo. No tempo forte, o pé esquerdo vai ao chão juntamente com a batida mais forte do bombo. Os bombos são tocados com as maçanetas (mocas) e, segundo Américo Simão, tocar os bombos envolve força física e resistência: “a gente não está ali a tocar às levezinhas. É a tocar mesmo com amor, com garra. A gente até pinga, não está a fazer cócegas na pele, porque é para o bombo dar som pra fora. Até dói o coração” (Simão 2013). Como os bombos são muito pesados, a participação dos suplentes é fundamental para o grupo. Eles assumem o papel de tocadores no cortejo quando seus pares estão lesionados ou muito cansados e reforçam o coro cantando a moda do bombo.

A partir da pesquisa preliminar e da pesquisa de campo, pude constatar que os Bombos de Lavacolhos integram duas categorias de performances. A primeira delas ocorre nas festas de Santo Amaro e do Divino Espírito Santo, a qual designei temporariamente como “dinâmica”. Ela se distingue pelos seguintes fatores: a) a utilização de ‘trajes comuns’ pelos tocadores; b) a utilização dos bombos e caixas que estão guardados no Centro de Convívio; c) a disponibilização dos bombos e caixas no Centro de Convívio no final do percurso para quem quiser tocar; d) o itinerário percorrido no espaço da freguesia; e) a adaptabilidade da performance a ocorrências recentes na freguesia (sociedade local); f) os tocadores não são pagos.

A segunda categoria de performance que designei - igualmente de modo temporário - “construída”<sup>48</sup>, e pode ser observada na Festa do Senhor da Saúde (que decorre uma vez por ano), nas festas seculares do Festival da Cereja no Fundão, nas festas das cidades de Abrantes e Bogas de Baixo, entre outras. A performance “construída” distingue-se: a) pelo recurso a um traje único vestido por todos os integrantes do grupo de bombos, inclusive o pifareiro e os “suplentes”; b) pela utilização de bombos e caixas que estão guardados na Junta de Freguesia; c) pela utilização de um itinerário mais extenso do que aquele da categoria anterior; d) pela realização de um modelo fixo de performance; e) pelo pagamento em dinheiro aos tocadores.

Os Bombos são centrais na vida “pública” de Lavacolhos, mas também desempenham um papel de relevo na vida de cada um dos tocadores e construtores de instrumentos. De facto, o bombo tem uma importância icônica na freguesia, faz parte do símbolo heráldico e é uma fonte de renda para os artesãos e para o turismo regional. Atrai compradores de outras localidades e pessoas que vêm a Lavacolhos na época das festas especialmente para ver o grupo de bombos.

---

<sup>48</sup> Apesar de os conceitos “dinâmico” e “construído” ainda estarem a ser testados, configuram algum potencial operativo nesta fase da pesquisa.

A prática dos bombos em Lavacolhos tem sido alvo de políticas autárquicas, com a criação da Casa do Bombo e a interferência da Câmara do Fundão nas práticas locais, com projetos destinados à recuperação de tradições, trazendo à freguesia de Lavacolhos agentes externos com o objetivo de organizar as práticas seculares. Estes acontecimentos foram motivo de resistência por parte dos detentores da tradição, que não assimilaram as propostas dos agentes externos e continuam a construir e tocar os bombos à sua maneira (entr. Alves 2013).



Figura 2. Bombos de Lavacolhos

## Referências

- Barz, Gregory e Timothy J. Cooley (2008) “Casting Shadows: Fieldwork Is Dead! Long Live Fieldwork!” in Barz, Gregory e Timothy J. Cooley (eds) *Shadows in The Field: New Perspectives for Fieldwork in Ethnomusicology*. New York: Oxford University Press. (1-24)
- Mesnil, Marianne (1974) *Trois essais sur La Fête: Du folklore à léthno-sémiotique*. Bruxelles: Université de Bruxelles.
- Myers, Helen (1992) “Fieldwork”. In Myers, Helen (ed) *Ethnomusicology; An Introduction*. New York: Norton. (21-49)
- Nettl, Bruno (2005) *The Study of Ethnomusicology; Thirty-one Issues and Concepts*. Urbana, Chicago: University of Illinois Press
- Sanchis, Pierre (1992) *Arraial: Festa de um Povo – as romarias portuguesas*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- Titon, Jeff Todd (2008) “Knowing Fieldwork” in Barz, Gregory e Timothy J. Cooley (eds) *Shadows in The Field: New Perspectives for Fieldwork in Ethnomusicology*. New York:

Oxford University Press. (25-41)

### **Outras Fontes**

Instituto Nacional de Estatística – INE 2011

[http://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine\\_main](http://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_main) acedido em 09/06/2013

Entrevistas:

Carlos Branco. 2012, realizada na Academia de Música e Dança do Fundão 06/10/2012.

José Mota. 2013, realizada na Casa do Bombo em Lavacolhos 23/03/2013.

Pedro Salvado. 2013, realizada na Biblioteca Municipal do Concelho do Fundão  
25/03/2013.

Américo Barroca Simão. 2013, realizada na residência dos professores da Academia  
Música e Dança do Fundão 25/03/2013.

José Nelson Mota. 2013, realizada no Centro de Convívio dos Moradores de Lavacolhos  
19/05/2013.

Natalino do Rosário Alves. 2013, realizada na oficina do artesão 19/05/2013.